

dirá ex

Pastore: renegociação será abrangente

**BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO**

O presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, revelou ontem, em entrevista exclusiva ao **Estado** e JT, que o Brasil fará a próxima renegociação da dívida externa em bases plurianuais, com condições (prazo e carência) e por um número de anos suficientemente grande para se poder fazer um acordo do perfil do débito e "não deixar nenhuma carcova de dívida nos anos futuros".

Para o presidente do BC, é indiferente como o Brasil vai levantar dinheiro novo nos próximos anos, se por meio de novos empréstimos, como tem ocorrido até agora, ou pelo esquema de capitalização de juros. A seu ver, a capitalização tem aspectos mais negativos do que favoráveis, na medida em que afasta cada vez mais o País de operações normais de mercado, "que em última instância é para onde o sistema vai convergir no momento em que, daqui a alguns anos, tiver absorvido esse problema da dívida".

Explicou Pastore que, no momento, o governo está interessado em fechar o projeto que submeterá ao Banco Mundial, para aprovação em setembro. Depois haverá a reunião do FMI e, ainda em setembro, o

Brasil inicia as negociações preliminares com os bancos credores. Na montagem da estratégia para a renegociação de 1985, reiterou o presidente do BC, é irrelevante o esquema de capitalização de juros.

Capitalização

"Se você tem necessidade de US\$ 3 bilhões, por hipótese, e tem que pagar US\$ 10 bilhões, é idêntico conseguir US\$ 3 bilhões de empréstimo novo ou capitalizar 30%", explicou Pastore. Por outro lado, acrescentou, "a tese da capitalização é algo em que se tem que ter consciência de que precisa também ser resolvida entre os bancos credores e as autoridades regulatórias dos países nos quais estão sediados".

Embora não descartando a tese da capitalização de juros, reiterou que ela nem é uma decisão muito importante para o Brasil na atual conjuntura, e, por isso, terá de ser enfrentada depois. "Vamos aguardar o momento oportuno para debatê-la", assinalou.

Taxa de juros

Pastore considera mais importante para a montagem da estratégia da próxima renegociação, a definição sobre o curso da economia mun-

dial e o comportamento das taxas de juros: "Precisamos saber se as economias dos EUA, Europa, Japão vão crescer ou não em 1985, se os juros vão subir, baixar, pois esses são os fatores importantes para determinarmos quais os recursos de que precisaremos para equacionar o problema da dívida".

A obtenção de renegociação por vários anos, isto é, abrangendo as dívidas a vencer além de 1985, é algo que Pastore conta como certo. "O número de anos que vai entrar na negociação é uma coisa técnica, que deriva do atual perfil da dívida e atuais concentrações de pagamento que se tem nos anos vindouros. O ideal é não deixarmos carcova de dívida, para o problema não se repetir num futuro próximo", explica.

Quanto às condições de negociações, Pastore recorda que o México conseguiu este ano US\$ 3,8 bilhões com dez anos de prazo e cinco e meio de carência, e que agora cada país que está indo ao mercado financeiro naturalmente vai procurar obter as melhores condições. "Certamente vamos forçar por maior prazo, carência, menores spreads (taxa de risco) e comissões. Se me perguntar quanto, eu não direi, porque não quero que os bancos saibam nossa pretensão", finaliza Pastore.